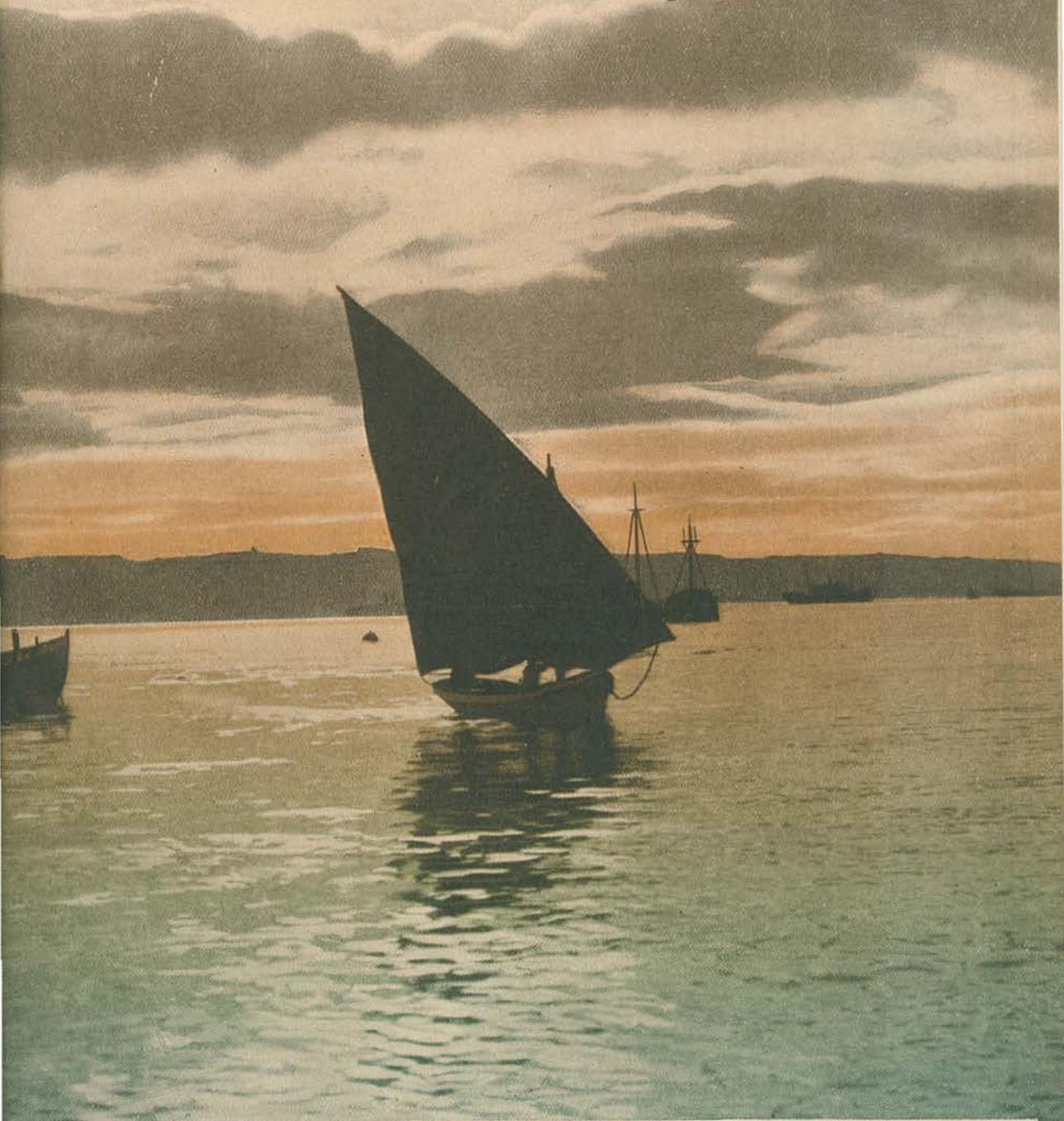


# Ilustração Portuguesa



II SERIE N.º 727 20 cent.  
Lisboa, 26 de Janeiro de 1920

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO. 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:

Trimestre ..... 2\$60 ctv.

Semestre ..... 5\$00 "

Ano ..... 10\$00 "

Redacção, administração e officinas: Rua do Securo, 43 — LISBOA

## "BRILHANTINA CONCRETA"

de perfume delicioso, amacia e dá um brilho magnifico ao cabelo. Não contém gorduras, pois é um verdadeiro petroleo cristalizado. A unica no genero que se fabrica em Portugal, comparavel ás melhores estrangeiras de Houbigant e Coty.

CADA BOIÃO: 1\$20

## MAGNIFICA CREAÇÃO

DA

«PERFUMARIA DA MODA»

5, Rua do Carmo, 7 ◊ ◊ LISBOA

## CLEMENTE V. GASPAR

CALISTA

Especialista no tratamento de unhas por meio de electricidade.

RUA DO LORETO, 61, S/LOJA

## Companhia de PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Ações.....	390,000\$00
Obrigações.....	288,630\$00
Fundos de reserva e amortização .....	390,000\$00
Escudos.....	1,068,630\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos LISBOA, 270, rua da Princesa, 270, PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 605, Porto, 117.

## Mães! sem leite

Ou com insuфициencia para amamentar os filhos e que se queiram robustecer, tomam a VITULOSE, que sendo um preparado de sabor muito agradável, lhes traz immediatamente uma grande abundancia de leite forte e purissimo, seja qual for a circumstancia em que se empregue, ao mesmo tempo que as nutre consideravelmente, criando os filhos fortes e saudios sem os perigos dos «biberons» e amas mercenarias.

Assim o atestam publicamente os mais illustres e considerados medicos, e n'este facto está justificado o enorme consumo d'este conhecidissimo preparado, não só em Portugal como em muitos outros paizes onde está registado.

Recomenda-se todo o cuidado em verificar se todos os rotulos levam indicação do seu preparador Augusto P. de Figueiredo e da Farmacia J. Nobre como seu deposito geral, rejeitando sempre como suspeito qualquer outro preparado que não tenha esta indicação de garantia.

A VITULOSE vende-se em todas as boas farmacias e drogararias e em LISBOA na Farmacia J. Nobre, Rocio, 110; em COIMBRA, na drogaria Pereira Marques, Praça 8 de Maio, 34 e no PORTO, na Farmacia Dr. Moreno, largo de S. Domingos, 44. Preço 2\$500. Pelo correio mais 600 réis.



## Gorôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na

Camelia Branca

L.º D'ABEGOARIA, 29 (ao Chiado) - Telef. 327

## M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade, consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 horas e por correspondencia. Enviar 15 cartavos para resposta. Calçada da Patria, n.º 2, 1.º, Esq. (como da rua d'Alegria) prédio esquina)

Casamentos rapidos e vantajosos

170.000

peços ouro entregam-se a cavalheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que depose senhorita, 30 anos, educada e bondosa. Evitar escandaloso social. Escrever a Matrimonial Club of New-York, Porto.

Contestam-se todas as cartas, observando-se absoluta reserva.

Franquear cartas para resposta segura.

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 727

Lisboa, 26 de Janeiro de 1920

20 Centavos

## CRONICA

### DESCHANEL

Por muitas e sabidas razões, os grandes e até alguns dos pequenos acontecimentos que se dão em França são discutidos apaixonadamente em Portugal, por portugueses, como se nos tocasse de perto, contrastando com a indiferença em que nos deixam os de povos a que nos ligam mais relações de vizinhança e de afinidade.



Agora, por exemplo, a eleição do presidente da Republica franceza foi um dos assuntos predileitos dos nossos centros politicos e não politicos, como se nos tivessem chamado a intervir; cada português categorisado tinha o seu candidato, apresentava os seus motivos de preferencia, apontava os defeitos do candidato adverso...

Por fim, sabido o resultado, aqui, como em França, reconheceu-se que o sr. Deschanel era, na verdade, o presidente mais proprio para a situação actual e tambem se reconheceu que, pode a França sofrer, como todos os paizes prejudicados pela guerra, a crise de que nos queixamos e que parece derivar d'uma desorientação geral, mas do que não sofre é de falta de homens de bom senso, nas camadas dirigentes, porque no momento oportuno um unico filo os move: o amor e a grandeza da sua patria.

Grandes exemplos nos võem de fóra!

### O SEGREDO DO EXITO

Explicava-nos ha pouco a gentil actriz mexicana Esperança Iris, a quem já tivemos enjejo de nos referir, que a frieza do publico, manifestada na estreia da sua companhia de opereta, no teatro S. Luis, devia ter tido como causa o excesso de reclamo, que precedeu essa estreia; e mais nos disse que estava habituada a certo retraimento nas plateias, na primeira noite, mas que, pelo decorrer das representações, tal frieza desaparecia até que se convertia em entusiasmo. Duvidámos, confessamo-lo, mas os factos vieram dar-lhe razão; pouco a pouco o agrado accentuou-se e hoje Esperança Iris é, como no Brazil, como em toda a parte onde tem representado, uma artista querida do publico, apreciada como poucas, vendo a sala do teatro constantemente cheia. Porquê?



Muito, evidentemente, pelo valor da actriz e d'alguns dos artistas que a acompanham, muito tambem pelo modo como as peças são postas em cena, mas tais requisitos não justificam sufficientemente a reviravolta. A explicação deve talvez residir na confissão a que alludimos, d'uma modestia que mal se acredita em gente de teatro, da probidade da mulher e da artista, a quem o publico reconhece que faz o mais que pode para agradar, sem, no entanto, descer a transigencias facéis.

O que é certo é que poucos artistas nas condições d'esta confessariam o seu desagrado pelas demasias do reclamo e muito menos lhes atribuiriam as reservas do publico; ela procedeu assim, confiantemente—e vê-se que procedeu bem.

### ESCRITORES

Tem-se falado ultimamente em associação de escritores e uma voz auctorisadissima prega a necessidade d'ela se realizar, n'uma ocasião em que, mais do que nunca, o individuo não se pode defender isoladamente. Sem duvida é de extranhar a excepção d'essa classe, que, sendo culta por obrigação e tendo contribuido poderosamente para que as outras se unissem, parece dispensar as vantagens que preconiza, mas as tentativas até agora esboçadas tem falhado tão tristemente, que o desanimo invade, ainda mesmo antes de dar os primeiros passos, aquele que pretende pôr em pratica a idéa.



Cremos que d'esta vez tambem não passará do papel, onde os interessados escreverão magnificos argumentos, mas que difficilmente registará uma realisação, porque cada um esperará que seja outro quem execute, e este não aparecerá, atemorizado pelos precedentes sabidos. Que aconteceu a uma Associação de Autores Dramaticos, fundada ha poucos anos, em que se empregaram e gastaram algumas boas vontades? Dir-se-ia, pelo modo como liquidou, que mais serviu para desunir do que para unir.

Cremos que d'esta vez tambem não passará do papel, onde os interessados escreverão magnificos argumentos, mas que difficilmente registará uma realisação, porque cada um esperará que seja outro quem execute, e este não aparecerá, atemorizado pelos precedentes sabidos. Que aconteceu a uma Associação de Autores Dramaticos, fundada ha poucos anos, em que se empregaram e gastaram algumas boas vontades? Dir-se-ia, pelo modo como liquidou, que mais serviu para desunir do que para unir.

### REVISTAS

Temos presentes duas «Revistas» de generos diferentes, mas igualmente interessantes: a «Revista do Instituto Superior do Comercio de Lisboa» e a «Revista do Conservatorio Nacional de Musica». Qualquer d'elas revela uma orientação inteligente, moderna, dos estabelecimentos a que dizem respeito; da primeira basta mencionar os titulos dos artigos que a compõem, para se vêr o quanto estamos afastados da epoca em que o ensino se limitava a teorias mais ou menos vagas, e quanto á segunda, continua com brilho as publicações analogas de 1842 e 1912, dando-nos agora, conforme a declaração da redacção, além dos assuntos que directamente interessam a escola de musica, o estudo do nosso «folklore» e o



movimento musical em Portugal e paizes estrangeiros.

A «Revista do Instituto Superior do Comercio de Lisboa» abre com o elogio do professor aposentado Heliodoro da Veiga, por Mira Fernandes, e contém mais: «Despesas militares», por Vitorino Guimarães; «Estatísticas», por Marrecas Ferreira; «Politica economica internacional», por Francisco Correia; «Sobre os artigos 392 e 392 b) da pauta das Alfandegas», por Matoso Santos; «As vias de comunicação em Portugal», por Pereira dos Santos; o «Banco de Lisboa», por Bensabat Amzalak; «Exposição de S. Paulo», por Jesus Cabaça, e «A sociedade das nações», por Lima Simões.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

# Oleiros de Loulé

**M**anhã  
entre-  
abre as palpe-  
bras,  
que a  
nebli-  
na so-  
nolen-  
tamen-

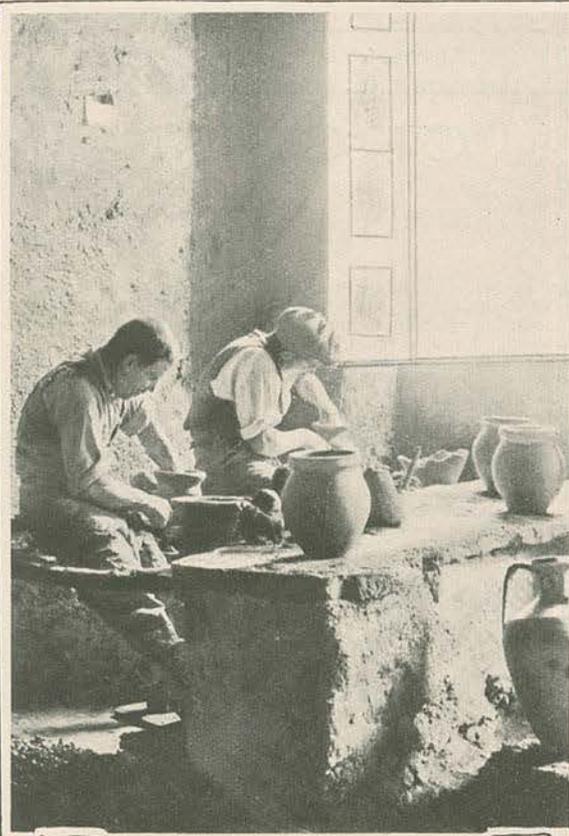
te veia — e a luz dos seus olhos, da doçura melancólica duma Avé-Maria, derrama-se nos espaços, mostra-me o drama dos cêrros convulsos, revela-me a ecloga dos vales humedecidos. Caminho em pleno Algarve. O comboio foge do barrocal para a costa. Entreveem-se campos de figueiras nuas. A festa nupcial das amendoeiras atinge o seu termo. Descubro ainda, nas hortas do contorno de S. Bartolomeu de Messines, musas verdejantes do lirismo imortal de João de Deus, a franja assetinada dessa nuvem de pétalas, a espuma de neve, a ressaca rosea das ondas aromáticas desse mar largo de flôres.

Já se sente o halito salino da marezia. De subito, á frente da locomotiva, um pouco á esquerda, recorta-se o dôrso dum monte crêspo de oliveiras, de amendoeiras e alfarrobeiras.

O comboio pára. No asfalto da gare uma voz grita, rouqueja:

— Loulé! Loulé!

Deixo a grande velocidade. Tomo um carro pachorrento, atrelado a tres cavalos. Começo a ascensão do monte lobrigado pouco antes, por uma estrada de bom piso, ás curvas e contracurvas. No vagar da subida noto a uniformidade da côr vermelha da terra. E' vermelha sob as rodas do carro. E' vermelha nos campos marginaes. O seu tom sanguineo



por  
**Souza Costa**

sobresae ao longe, entre o verde setim das amendoeiras, entre o verde crepe das alfarrobeiras. Parece sangue derramado no solo, empapado de recentes batalhas. A impressão reproduz-se, ali, além, na continua sucessão dos aspectos, na permanente sobreposição dos planos. E veem-me á memoria as lutas feridas n'essa terra, n'esse solo, guerras de islamicos acoçados por cristãos. E tenho a sensação de que o sangue vertido, todo esse sangue de mocidade, de fé e de heroismo, se fundiu na terra amada, se fez humus e seiva, afirmando á eternidade o heroismo dos vencidos e a fé dos vencedores.

Loulé desenhase a nascente — na sua alvura algar-

via, no seu ar de prosperidade. Ao norte, no flanco duma vertente, dois moinhos de vento estendem os braços, volteiam as vélas — e, ao vê-los de relance, chega-se a crêr que são mártires no sofrimento, que se retezam no suplicio dos seus trabalhos forçados.

Entro em Loulé a horas de almoço. Vila caída e alegre. Casas d'um andar, ao rez do chão a maioria. Ruas desafogadas, por onde a vista retouça á vontade. Restos de muralhas com supurações de e jifícios modernos.

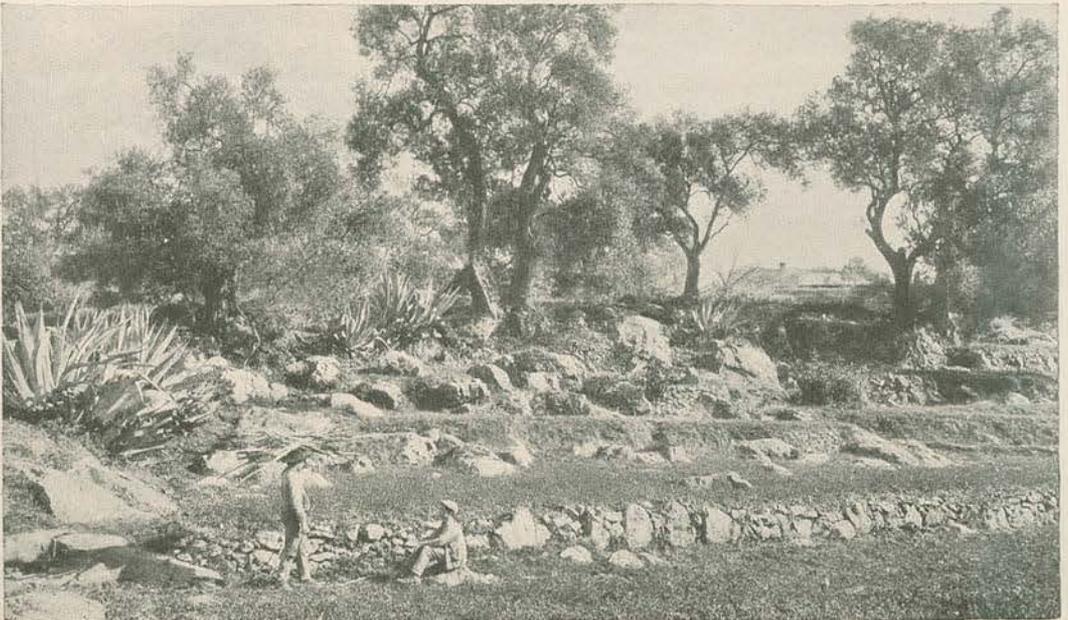
As suas muralhas levam-me, em espirito, para o seu passado. Recordo os cartaginezes, seus hipotecticos fundadores quatro seculos antes de Cristo. Reconstituo a era dos romanos — Roma expulsando Cartago, defendendo a presa, cingindo-a de ameias. Lembro os arabes, os que mais tempo a



LOULÉ' — Uma rua de oleiros. — Louça (alcatruzes destinados á pesca do polvo) que acabou de sair das mãos dos oleiros, a secar ao sol, para depois ser cozida no forno.

possuíram — os que do alto dos seus muros tão encarniçadamente a disputaram aos cristãos. E evoco especialmente D. Paio Peres Correia, o ardoroso mestre de Sant'Iago, arrebatando-a em 1243 aos filhos belicosos do Yemen; D. Henrique de Menezes, 1.º conde de Loulé, reconstituindo-lhe em 1462 as antigas muralhas, que o terramoto de

1755 arrasou n'um repelão. D'aí a pouco, porém, ao percorre-la de rua em rua, de largo em largo, louvando-lhe os edificios, admirando-lhe o comercio, para o qual a praça do mercado, estilo arabe ultima novidade, concorre abundantemente, o palpitar das suas energias, a sua atividade, a sua ancia de se multiplicar conduzem-me do



Arredores de Loulé. (Proximo do Rosal).

mais remoto passado ao mais flagrante presente.

Por toda a parte rumores de fabricas—fabricas de cêra e de sabão, fabricas de cortumes, de fiação e de louça. Por toda a parte mulheres a trabalharem o esparto e a palma. E em certas ruas, quando os sapateiros batem a sola, a musica barbara de centos de matracas em quinta-feira maior.

Mas, de toda essa energia em exercicio, de todo esse refluxo de acção, o que de preferencia me prende os olhos e cativa o sentir é o das fabricas de louça, o das tradicionaes olarias d'aquella terra de oleiros.

São muitas, são ás dezenas. Demoro-me na do Joaquim Béles. Teto acachapado, paredes sem rebôco. Respira-se a humidade d'um pôço. Uma hora da tarde. A faina do dia recommença. Joaquim Béles abeira-se de um monte de barro em bruto, d'aquelle barro de que o Senhor, no principio, ao sexto dia, fez o bronco Adão, o homem tirado

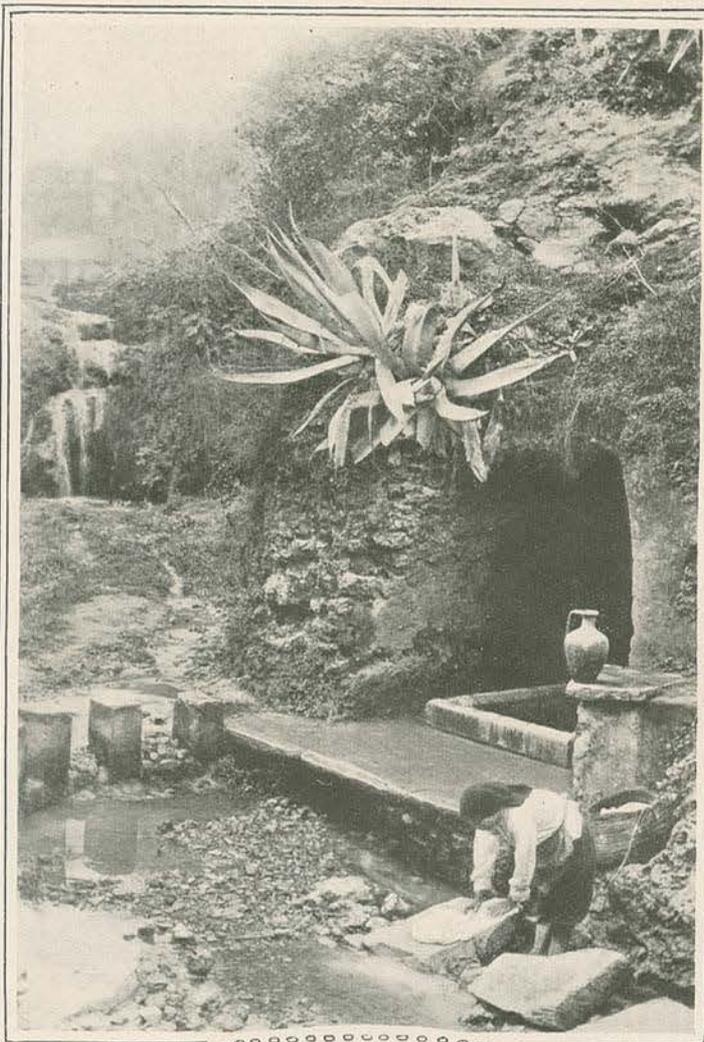
do barro, e esterroa-o ás malhoadas—sova-o a malho, redu-lo a pó. Esterroado, condu-lo ao barreiro—a cova em que o batisa, banhando-o de copiosa agua, e em que o submete ao martirio da pisa sob os pés descalços. Convertido assim á religião do seu sacerdocio, tornado o plasma maleavel de que ha de sair a harmonia, a utilidade e

o pão, o oleiro humanisa-se—e passa a tateá-lo com as pontas dos dedos, a acaricia-lo com as mãos soffregas, para o libertar do caroço, das pedras que resistiram ao suplicio do malho. Ainda não chegou, no entanto, a hora sagrada da perfeição. Do purgatorio do barreiro transfere-o, em blocos informes, para o vestibulo da arquina—meza onde lhe aplica uma massagem seme-

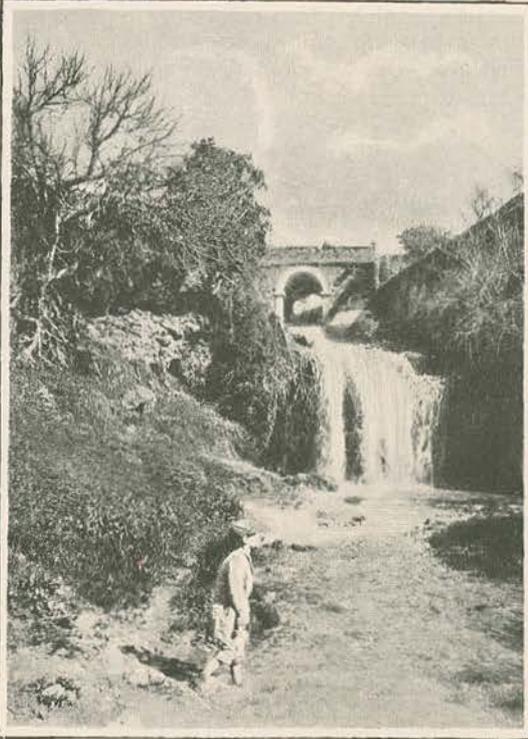
lhante á do pão na masseira.

Agora sim. Agora é docilidade e pureza, elemento perfeito digno de ascender á superioridade d'um destino. Então, fracionado em pélas, em piramides conicas assentes na arquina, entrega-o, péla por péla, á rotaçãõ criadora da roda—quasi um disco romano, por eixo vertical ligado a uma roda grande, quasi uma mó de moinho, que o oleiro move com o pé, imprimindo movimento ao disco cimeiro. Em mangas de camisa, braços nus, cabeça descoberta, por concordancia com o ritual do seu culto, o oleiro

toma a primeira péla. Vae criar uma bilha. Coloca a péla na roda—já a girar sobre o eixo. Cinge-a nos dedos em arco—e o barro mole, e a argila inquieta alteia-se, afusa-se, irrompe-lhe dos dedos na impetuosa anciedade d'um jacto. Como para o domar põe os dedos em garra e cravallhos na corôa—e a argila encolhe-se,



LOULÉ  
Fonte do Cadoiço.



Cadoço. — (A' entrada de Loulé).

na dôr que a penetra, e abre a boca no hiao de quem quer gritar. Indiferente á sua dôr, sabendo que a dôr é a mãe da vida, ele curva-se n'um abraço, enlaça-lhe as mãos a meio da estatura, o que dá áquela massa pastosa a vaga flexuosidade d'um corpo de mulher. Depois, como se esse corpo tivesse já coração, como se sentisse o desejo de lh'o afagar, leva-lhe a mão esquerda á boca, introduz-lh'a nas entranhas, amparando-a com a direita. E o corpo dorido agita-se, ao alto estreitando-se em garganta, ao centro dilatando-se em curvas de anca, em apoiadura de ventre. Um novo abraço, um novo afago, afago e abraço em que perpassam impulsos genésicos, e o corpo define-se, escultura-se, na sua nudez paradisiaca, pescoço ágil, anca nubil, ventre virgem, a adelgaçar para a base no indeciso contorno de duas pernas unidas.

E' a anfora classica, é a bilha do assirio, do egipcio e do grêgo, do fenicio e do romano, que vem dizer-nos a eterna sugestão das linhas harmoniosas sobre o escravo da obrigação, sobre o obreiro da utilidade, sobre o sequiôso da belêza.

Definida, precisa, ondulante, o Jehová d'aquele Genesis, apetrechado duma lasca de cana, dilue-lhe as saliencias mais espessas. A roda gira sempre. E a bilha, que a principio lembrava um pião a dançar, lembra agora uma bailadeira oriental, na sagrada nudez d'um rito olimpico, redopiando coreo-

grafias de vertigem. Um ligeiro repouso para receber as azas, especie de braços fincados na anca. A roda torna a mover-se, lentamente desta vez. A dança repete-se, d'esta vez hesitante, em estremecimentos de volupia, em intermitencias indecisas. E' que o oleiro, passeando-lhe pela pôlpa os dentes dum pente, velho utensilio simbolico do preciosismo feminino, em traços leves, prende-lhe ao pescoço, á cinta, ao ventre, aos pés gargantilhas e colares, cintas e anilhas. A uma ou outra mesmo, que deseja mais vistosa, tatua-a de estrelas avivadas a laminas de mica — princezas com seus adereços de diamantes.

Humida do parto, ele pega-lhe pelo bôjo, no cuidado de quem pega em recém-nascido, põe-na á porta, recomenda-a ao sol, para que a cubra, a agasalhe e a enxugue. Parece que, chegado este momento, devia esperar que o sol lhe impuzesse, como a nós, a consistencia indispensavel ás marés da vida. Não é isso que ele faz. Do paraizo, com o breve intervalo da séca, transporta-a ao inferno—fôrno de adobe, da fundura d'uma caverna, onde vae coser e enrijecer, onde vae curtir os ultimos tormentos na expectativa de promettidas venturas. A cosedura começa a fôgo lento. Quando a bilha grita, ferida por pedra arremessada de fóra, o fôgo cresce, lambe-lhe o pescoço, abraça-lhe os flancos, cresta-lhe o côrpo, dá-lhe a *chalda* — o brilho e o vigor que lhe permitem ser vaso de agua da fonte, e caminhar para a nossa sêde á cabeça da Samaritana.

Lx. — Nov. — 1919

(«Clichés» de Joaquim Nogueira).



# INAUGURA-SE NO PORTO



Vista geral

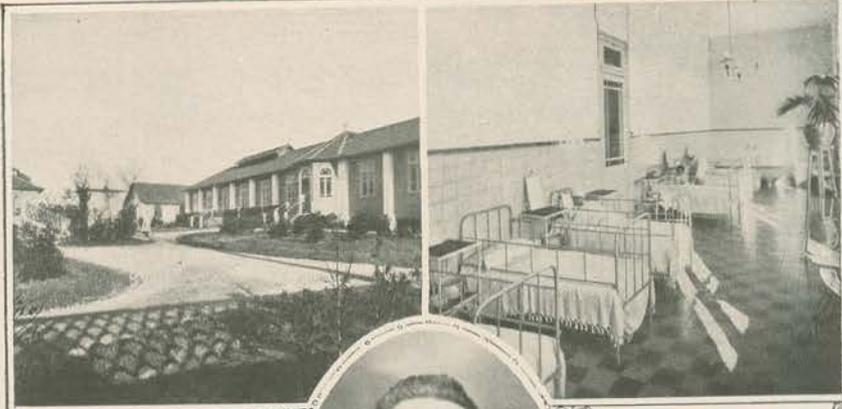
## HOSPITAL JOAQUIM URBANO

Foram inauguradas ha dias as novas instalações do Hospital Joaquim Urbano, no Porto, destinado ao tratamento de doenças infectuosas. Este modelar estabelecimento sanitario fica situado num esplendido local, no alto de Montebelo dominando a enorme planície que tem à extrema esquerda as terras de Valongo, à direita, Avintes junto do rio Douro e ao fundo as serranias de Marvão. E' facil calcular o interesse panoramico que do hospital se disfruta.

O que existe de tradicional nesta casa de saude é unicamente o local e a memoria trefica da suggestão popular, provocada na occasião do cole-

ra e da peste bubonica pelas pessimas condições que oferecia então o velho hospital do Guelas de Pau, denominação que causava pavor a todos que all tinham de ser internados. Uns toscos barracões, cobertos de telha vã e iluminados a petroleo, constituíam as instalações do hospital, até ha bem poucos anos.

Mercê da direção acertada dos srs. drs. Joaquim Urbano, Souza Junior e por ultimo do sr. dr. Alvaro Pimenta, o hospital está completamente transformado. Ha cerca de um ano e meio, com uma dotação que o governo cedera, e ainda com o rendimento dos quartos de isolamento para



Pavilhões drs. Ricardo Jorge e Augusto Monjardino



Sr. dr. Alvaro Pimenta,  
director do hospital.  
(Clichés El. e tra. Porto).

Enfermaria de difteria. Pavilhão dr. Ricardo Jorge.

ge; dr. Augusto Monjardino e dr. Almeida Garrett, commissarios do Governo no combate das epidemias que ultimamente invadiram a laboriosa invicta.

Após a inauguração das instalações, os assistentes dirigiram-se ao laboratorio, estabelecimento anexo cujo progresso se deve em parte ao distinto bacteriologista, sr. dr. Carlos Ramalhão.



Panorama na cidade do Porto, tirado do Hospital. Ao fundo o rio Douro

(Clichés Alvão, Porto).

Os telefones estão em greve. Ha uma infinidade de dias que o indomavel animal per manece mudo e

quedo e não diz o mo habitualmente: Está impedido. Não tem a linha boa. De lá não respondem! Isto é de resto o que ele sabe dizer. Pois tem-nos deixado em paz e socego o que é um bem porque o telefone longe de ser um instrumento de progresso é um instrumento de tortura. E' a tortura aperfeiçoada.

Um sujeito precisa de dar um recado urgente. Antigamente recorria ao galego.

— «R o m ã o, vaes á rua de tal, numero tantos, bates á porta e entregas esta cartinha!» E o galego ia e vinha, tendo levado dois tostões pelo recado e uma hora no caminho. Hoje o telefone quasi que suprimiu o galego. E então a cousa é assim:

— Está lá?

— Oito, oito, nove, seis, central.

— Zzz... zzz...

— Que deseja?

— O' menina, eu já pedi o oi-



to, oito, nove, seis, central.

— Está impedido.

Dez minutos depois a mesma cena e a mesma resposta.

Um quarto de hora depois a mesma cena. Desta vez ligam. Ligam para casa de um velhote rabugento que nos descompoê. «Já disse que não é para aqui. Desligue seu animal. Estupido.» E não tendo conseguido a ligação, a gente desiste de telefonar, manda um moço, o que é sempre mais pratico e muito mais rapido. Em terras civilizadas ha o recurso da carta pneumatica e do telegrafo. Entre nós carta pneumatica é coisa desconhecida e o telegrafo é coisa de tal maneira telegrafica que um telegrama expedido hoje com a nota de urgente é capaz de só ser recebido pelo destinatario quinze dias depois. O telefone em greve. Mas então dar-se-ha o caso de que esta gente já entrasse no caminho do progresso, deliberando suprimir uma coisa que só era fonte de cuidados e arrelias?



Maravilhas do progresso -- O telefone

(Do The Bystander)

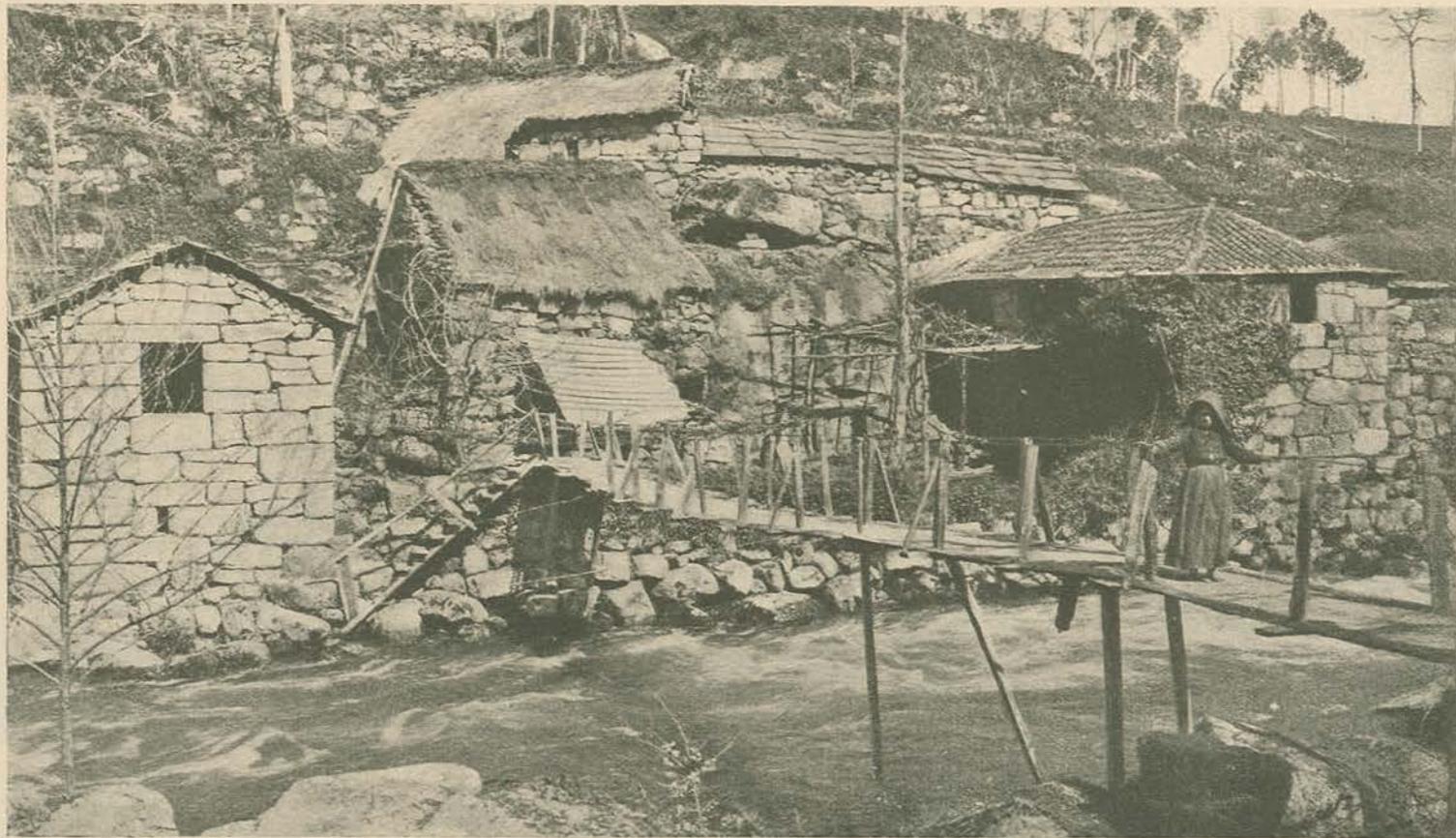


O TELEFONE

A's dez horas -- A's onze e meia -- Ao meio dia -- A's 3 horas, perdida de todo a paciencia

(Do Nuevo Mundo)

# A PAISAGEM PORTUGUEZA



Ponte dos moleiros, no rio Souza (Penafiel).  
(Cliché de Claudino Dintz).



A senhora D. Laura Chaves é uma estrelante nas letras. O seu volume de versos *Esboços*, a sair em breves dias revela um fino temperamento de mulher cuja sensibilidade recolhe dos aspectos vulgares da existência a porção de beleza misteriosa que eles ocultam, o idealismo vago que eles tantas vezes conteem e que só as almas eleitas sentem, adivinham e descobrem.

*Esboços* são uma primavera florida, e d'elles é o soneto que publicamos hoje.



## CABELOS BRANCOS

**Q**uando hontem de manhã me estava a pentear,  
Confesso que fiquei um pouco despeitada  
Por de repente ver na trança desmanchada  
Que o meu cabelo já começa a branquear

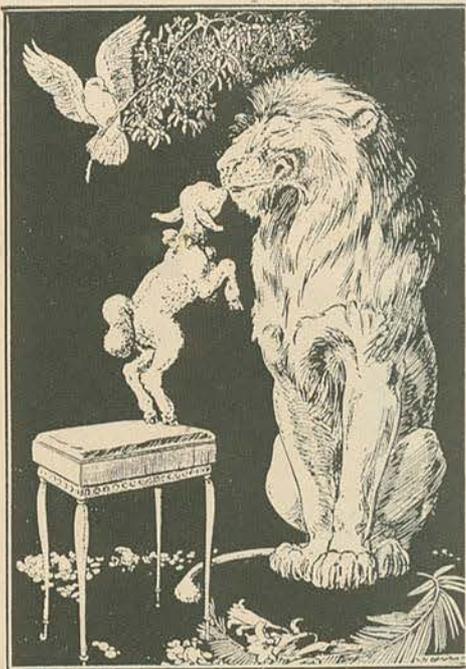
Mas depois deu-se em mim um caso singular:  
O despeito passou-me e quedei fascinada,  
Olhando no cabelo a mancha prateada  
Onde vi minha infancia inteira perpassar

E' que na sua alvura encontrei a velhice  
Que outrora acompanhou a minha meninice,  
Os meus pobres Avós tão bondosos, tão francos...

E ficou-me a impressão, ao ver-me branca assim,  
Que os velhinhos que amei se aproximam de mim...  
Bemvidos sejam pois os meus cabelos brancos.



# A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



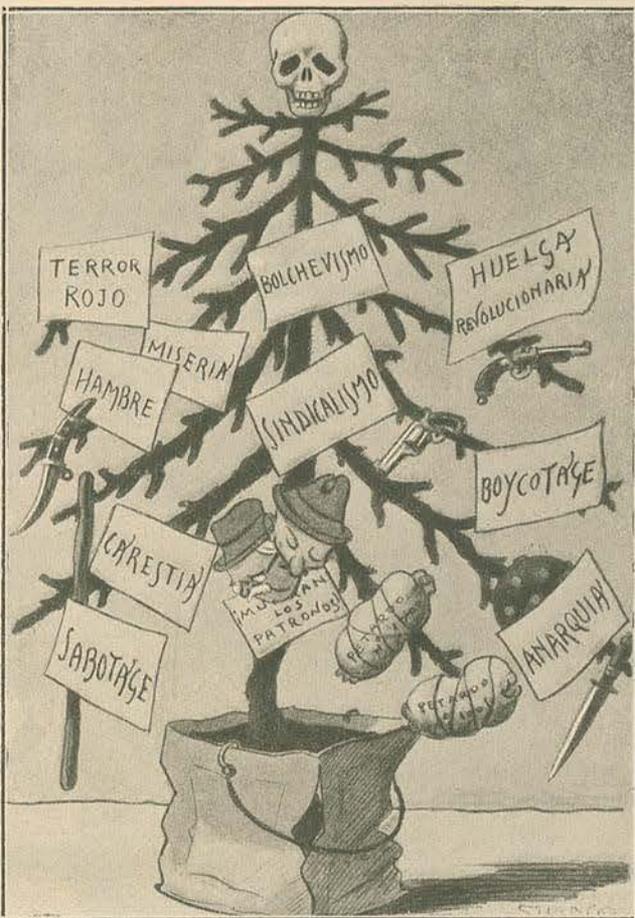
O riso dos outros é por vezes interessante e os factos mais graves da vida dos individuos e dos povos vistos através as lunetas côr de rosa dos caricaturistas, dos rebeldes do sisudo, tomam os aspectos mais inéditos e mais curiosos que se pode imaginar. E ha tanto jornal que só vive do riso, tanta gente para quem o riso é tudo...

Que o riso desopila o baço, o riso dá saúde e alegria, o riso é a vida plena.

Nas dobras de um intetino sacudido por frouxos de riso não se pôde assolapar microbio ruim asseverou Ricardo Jorge.

E' talvez uma grande verdade porque os alegres vivem mais e melhor do que os taciturnos, e os sorrumbaticos são quasi sempre creaturas as quisilentas, d'aquelas que com certeza só podem morrer á sexta-feira, que é aziaga como lhes foi a vida.

Ora se volvermos olhos sobre o riso dos outros encontraremos o «Bystander» que faz o seu



A Árvore do Natal para 1919.  
(Desenho de Sileno)  
(Do «Blanco y Negro» (Madrid)

## O BEIJO.

Lindo sonho zoológico que pode acontecer talvez.

(Desenho de Brightwell).

(Do «Bystander» (Londres).

comentário alegre sobre a paz, o comentário do vencedor. O grande leão britânico deixa que o beije a ovelhinha imbecile. Entretanto a pomba da paz mostra o ramo simbolico da oliveira.

O «Blanco y Negro» colocou tambem nas suas paginas a sua arvore do Natal. As prendas são as da época. Grèves, bolchevismo, sindicalismo, fome, miseria, terror vermelho, anarquia, carestia da vida, sabotage, petardos, bombas; tiros, o diabo. E realmente parece que todo o mundo foi recolher frutos e prendas á arvore do Natal do «Blanco y Negro.» que

outra coisa mais se não vê senão os efeitos tragicos que eles produzem. Arvore tragica, arvore de miseria, luto e dôr, quando serás tu apenas uma recordação!... E o «Blanco y Negro» ri. Mas é um riso tragico o seu riso.

Mas se o leitor quer sorrir veja o «Hors d'oeuvre» da New Magazine. A cara do velho petisqueiro que encontra um mísero pintainho desgarrado, não é um poema? Um pinto, n'uma altura d'aquelas com a carestia da vida, com a falta das subsistencias, é caso para não se lhe regatear uma boa chapelada. E não lh'a nega o cinico alegre,



concebe, inconscientemente toma a posição de todos os dias.

Como este caso quantos se dão. A gente habitua-se a uma cousa e como lá diz o outro, o habito é uma segunda natureza, eis que o habito passa a ser a vida e sem ele esta não se concebe. Os ingleses de resto são mestres n'este genero de ironia, e a sua caricatura tem a característica de não ser complicada.

O riso inglez é mais simples, mais alegre do que o riso latino mais complicado, mais «raffinée». O «Hors-de-Oeuvre» e a «Força do Habito» são bem o riso inglez, porém no «Ascensor» é o riso gaulês, ironia leve e indeterminada, ironia subjectiva.

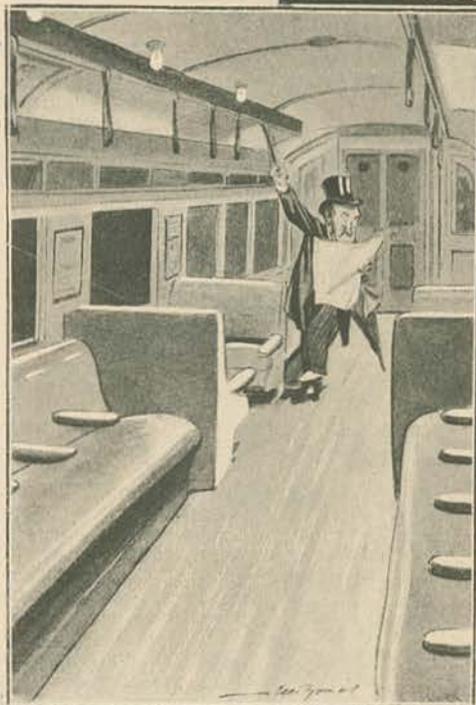
O ascensor não sobe porque o nariz do cão ainda não tem força electrica que faça com que o elevador suba.

E pode o velho estar ali carregando todo o dia. O cão sente o dedo, fareja e não se move. Acha bem. Fareja, não se move e acha bem porque enquanto faz aquilo não faz outra coisa. E se ele desse signal de si quem sabe se lhe não fariam passar aquilo que se chama, com propriedade ou sem ella, vida de cão?

O riso dos outros!

Foi assim, na transaccão sem a nação do Senhor.

O riso é pois remedio. E como se vê remedio universal, porqueto-dos riem, Ri o moiro e o cristão, ri o turco e o judeu, ri o branco e ri o negro. E se achar graça ao riso até o proprietario pôde rir o que só lhe fará bem.



A Força do Habito.  
(Desenho de Bert Thomas)  
(De «The Tatler» (Londres).

que do pintainho diz o mesmo que João de Deus dizia do dinheiro. Tím, papo! Quanto á «força do habito» o cavalheiro habituado a ir sempre n'aquella posição, com o carro á cunha, pôde lá conceber que ele, caso estuendo e inaudito, vá vazio! E como o não

O «Hors-d'oeuvre».  
(Desenho de Ernest Noble)  
(De The «New Magazine»  
(Londres).



No «Ascensor». — Que sistema! Tres vezes já carrego no botão e nada de subir.  
(Desenho de Ris. De «Le Pête-Mêie» Paris).

# A CRISE POLITICA



O ministério presidido pelo sr. Sá Cardoso, demissionario.



O sr. Sá Cardoso no palacio da presidencia em Belem.



O sr. dr. Alvaro de Castro



Srs. presidente do ministério e ministro dos estrangeiros

A crise política foi uma cousa que longos dias se arrastou e que prometia eternisar-se. O gabinete Sá Cardoso demittiu-se e succedeu-lhe horas apenas, sem chegar mesmo a tomar posse, o sr. dr. Fernandes Costa. Ao sr. Fernandes Costa devia succeder o sr. Tomé de Barros Queiroz se não

desistisse de formar ministério. Por motivo da sua desistencia foi o general sr. Correia Barreto incumbido de tal incumbencia que não levou a cabo. No momento em que escrevemos tal encargo pertence ao sr. Domingos Pereira que d'ele deve sair victorioso.



O ministro da guerra sr. Helder Ribeiro



Os Srs. Melo Barreto e Rocha e Cunha, ministros dos estrangeiros e da marinha.



Aspectos varios da situação politica. Os ministros demissionarios e ao fundo tres correios aguardando quem lhe coube em sorte ou teve a infelicidade de lhe sair as pastas que sobraçam.



O sr. Domingos dos Santos, ministro do trabalho. — Pastas sem dono. Os correios, em Belem, á espera dos futuros possuidores das pastas ministeriaes. — («Clchês» Serra Ribeiro).

# O NOVO EMBAIXADOR DO BRAZIL EM LISBOA

15 de Novembro de 1935  
OS UNIDOS DO BRASIL 1889

O novo embaixador do Brazil, a grande patria irmã, entre nós, é um literato, um poeta de fino quilate, *doublé* de um diplomata ilustre, o dr. Fontoura Xavier. Sua Ex.<sup>a</sup> chegou ao Tejo a bordo do *Almanzora*, o novo e grande paquete da Mala Real Inglesa e veio para terra n'um dos barcos patrulhas do Arsenal, indo alojar-se no Avenida Palace.



O dr. Fontoura Xavier como literato tem justo renome e é dos mais interessantes poetas brasileiros. O seu livro *Opalas*,

Fontoura Xavier, em 1935, após o aparecimento das «Opalas».

sendo o novo embaixador um literato eminente ele saberá estreitar, decerto, mais os laços que á intellectualidade do Brazil une a flor das nossas letras e da nossa arte.



O dr. Fontoura Xavier, sua esposa, o encarregado de negocios do Brazil e outras pessoas.

onde compendiou as gemas de mais brilho do seu estro, foi dos mais acarinhados e discutidos pela critica. Formacorrectissima, classica, sentimento e analyse exuberantes, os seus versos são dignos de ser conhecidos admirados.

Folgamos por tudo e porque



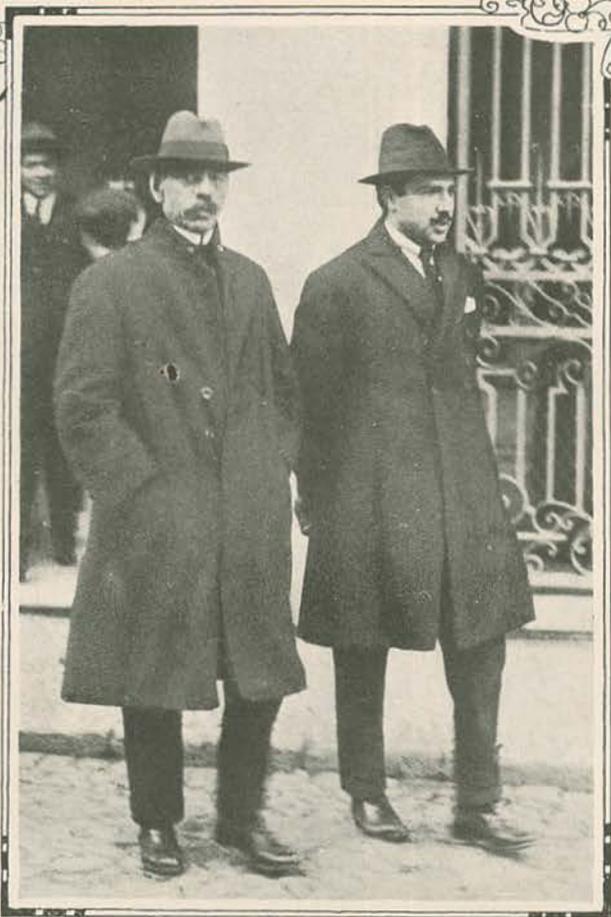
A bordo do barco do Arsenal de Marinha que o foi buscar ao «Almanzora, onde chegou ao Tejo. («Clichés» Serra Ribeiro).

# ACTUALIDADE

Foi movimentada, cheia de peripecias, repleta de interesse, a prisão do tenente sr. Teofilo Duarte. A policia e a guarda republicana cercaram o quarteirão onde se situa a casa em que ele se encontrava e foram efètuar a sua prisão n'um dos andares do predio. Foi grande o aparato das forças e muito era o desejo de efètuar a detenção do sr. Teofilo Duarte, sendo por isso este, depois da crise ministerial, o assunto que mais prendeu a atenção publica.

Outro dos acontecimentos importantes foi o incendio no entreposto de Santa Apollonia onde arderam tres secções dos armazens do caes, sendo pasto da chamas mercadorias de incalculavel valor e nada ficando, pois os desmonoramentos completaram a obra do fogo, seado um monte informe de ferro e tijolos quebrados o que de tudo resta.

Os francezes teem um processo de consagrar os seus grandes homens que torna maior o desejo de o ser. Os grandes homens não se limitam a sel-o. São conheci-



O tenente sr. Teofilo Duarte, saindo do Governo Civil ao lado do coronel sr. Figueiredo.—(«Cliché» Serra Ribeiro).



O incendio no entreposto de Santa Apollonia.

(«Cliché» Serra Ribeiro).

dos como taes porque para isso todos os meios são bons. Agora os tres grandes homens da semana teem a sua popularidade até nos calendarios. Lloyd George, o sr. Clemenceau, «O Trige» e Carpentier, o vencedor do «box». Uma creatura sabe às quantas anda e presta homenagem á di-

plomacia do primeiro, á energia do segundo e á força brutal do terceiro. Muito curioso !...



Os calendarios da moda em Paris

# FIGURA E FACTO

A figura predominante da semana é João Grave, o autor da «Victoria de Paris», trabalho que tem merecido grande acolhimento da critica e do publico.

O sr. Henrique Izidro, chefe do laboratorio fotografico da Exploração do Porto de Lisboa, é um requintado artista, conhecido como poucos do seu «métier», que na «Ilustração Portugueza» algumas das suas melhores provas tem publicado.

Morreu o sr. dr. Xavier da Cunha que foi director da Biblioteca Nacional e ainda nos chegam os derradeiros ecos do 5 de Outubro. Damos dois aspectos da sua comemoração em Loanda.

O Grupo dos Amigos da Infancia começou por divertimento em 1917. Por brincadeira vestiu 35 creanças. D'então



O sr. Henrique Izidro e o sr. João Grave

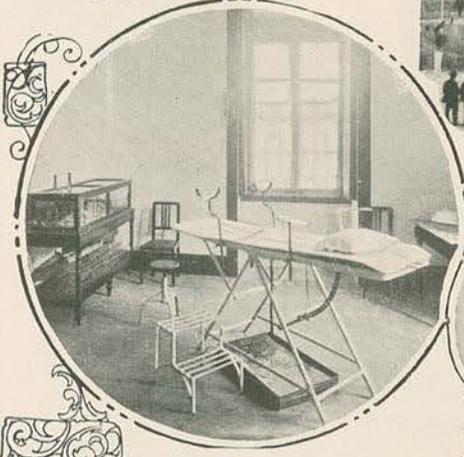


Dr. Xavier da Cunha recentemente falecido. — LOANDA. A parada militar do 5 de Outubro. Desfile de tropas na rua Salvador Corrêa. — Desfile de Infantaria e auto-metralhadoras na rua Salvador Corrêa. — No Grupo dos Amigos da Infancia. (Cliché Serra Ribeiro).

para cá vestiu 55, depois 60, depois 55, 110, 125, 155, 202, 72, 80, e ultimamente, pelo Natal, 110 que o

nosso grupo representa. Bela ideia, boa iniciativa, tarefa meritória a dos que assim semeiam o Bem.

# DE LA PROVINCIA



Fachada do novo Hospital da Misericórdia de Santo Tirso, ultimamente inaugurado. — Uma enfermaria geral.

sentes na festa da sua inauguração.

O rancho infantil das festas de Pombal, ensaiado pelo sr. Manoel Barringa, foi um dos melhores numeros daqueles festejos. Teve um cunho artistico e mostrou que pelas provincias ha quem por estas cousas se interesse.

Sala de operações.— Grupo de pessoas que assistiram ao acto da inauguração.

Em Santo Tirso inaugurou-se ha pouco o hospital da Santa Casa da Misericórdia. E' uma instituição modelar, possuindo tudo o que um bom hospital provincial pode ter. As nossas gravuras representam o hospital, suas instalações e o grupo de pessoas que estiveram pre-



Rancho infantil que se exhibiu nos festejos de Pombal. «Cliché» de Ricardo Augusto da Silva — (Pombal)

# JORDAN



"America's Most Luxurious Car"

RESISTENTE. COMODO. ELEGANTE. SILENCIOSO.

MAGNETO BOSCH. CARBURADOR ZENITH.

PEDIR CATALOGO E PREÇOS

AGENCIA DOS AUTOMOVEIS "JORDAN" 17, Largo da Anunciada LISBOA  
(à Avenida)

TELEFONE 3640 CENTRAL

Agente em Portugal: CARLOS REBELLO DA SILVA



Não te esqueças ao ser mamá, usar para a hygiene de teus filhos «DOLLY» toilette, talcum, pois cura



**IMPORTANTE.** — Envie-nos V. Ex.<sup>a</sup> 100 réis em estampilhas, e na volta do correio obterá um lindo pacote «DOLLY» fac-simile. Se V. Ex.<sup>a</sup> deseja registado, basta enviar mais 70 réis, a FAU & PALET L.da — R. Aurea, 101, 2.<sup>o</sup>, D. — LISBOA.

e evita aos inocentinhos as assaduras, espinhas, zagre, gretas e outras doenças da pele.

# "DOLLY"

## TOILETTE TALCUM

Higiene das crianças e dos adultos. Vende-se nas perfumarias: Rosa d'Ouro, Moda, Godefroy, Balsemão, Mimosas, Duarte & Araújo, etc., etc., e na Drogaria Neto, Natividade & C.<sup>a</sup> e em todas as boas farmacias, Drogarias e perfumarias do País ao preço de \$35 centavos cada pacote.





### DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,  
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPÃO

## PULMO SERUM BAILLY

Sob a Influência do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se imediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punçadas no tórax socegam-se.

A respiração torna-se mais fácil.

O appetite renasce.

A saúde reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAIS, APRECIADO PELA MAIORIA

DO CORPO MEDICO FRANCÊZ.

EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY

15, rue de Rome, PARIS



O passado, o presente e o futuro revelado pela mais  
ce.e.bre e chiromante  
fisionomista da Europa



### M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; e incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada peos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe sequeceram.

guiaram. Para portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 45, RUA DO CARMO, 45 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 reis, 28500 e 38000 réis

## LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excepções e uma d'ellas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho William Rice. Depois de ter soffrido durante bastantes anos de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação veiu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só poudo curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as classes de hernias com o maior resultado, pois li-  
caram todas absolutamente curadas. Tivez que V. S.ª já tenha lido nos jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.ª tenha já lido ou não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o descobridor de esta cura



Cure V. S.ª a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como ele e centenaes de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura efectiva sem dor e sem o menor inconveniente. As occupações ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actual e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornarão necessarias, o risco de uma operação cirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão sã como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que sofram de hernias, lhe sejam enviados de alhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remetem sem despeza alguma e confia-se que todos que d'ela necessitem se aproveitarão d'esta generosa oferta. E' sufficiente encher o coupon incluso e enviar-o pelo correio á direcção indicada.

### COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (5 244), 8 & 9, Stonecuttle Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

Nome.....  
Endereço.....

## Massagem Gimnastica

ANTONIO Infante do American College  
of Mecanotherapy. — Escrever: Rua S.  
Francisco de Salles, 41, ás Amoreiras.

## Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA-

# CRÉME BÉATRICE

## Blanche-Legère-Esquisse



O Crème Béatrice não faz brilhar a cara porque não tem glicerina nem gorduras nocivas á pele. Este crême de Beleza faz desaparecer as rugas, as manchas vermelhas, irritações, e fortifica e alisa a epiderme, tornando-a branca e aveludada. O nosso crême é vendido com a garantia de se devolver a importancia a qualquer cliente, quando não lhe tenha dado os resultados, que aqui garantimos.

Experimental e vereis que não ha melhor. Vende-se em todas as boas perfumarias.

Laboratoire Harmelle-Salarnier — PARIS

Representantes e unicos depositarios em Portugal

DANIEL CABAÇO LOPES, l.ª, Successores

Telef. 1605 C.

Rua da Vitoria, 60, 2.º — LISBOA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

## A cadeira do poder



*Assento convidativo*



## PALESTRA AMENA

## Batota

Como d'um momento para o outro nos pode tocar á campainha algum emissario do sr. presidente da Republica, a convidar-nos para ministro, aproveitemos o tempo para escrever o mais rapidamente possível algumas considerações que nos sugere a celeuma aí levantada porque em certo club, vulgo casa de batota, os parceiros perceberam que os dados com que se jogava a banca franceza eram falsificadas.

Primeiro que tudo é preciso que os ditos parceiros, e os pontos em geral, não imaginem que os banqueiros são tolos. Então supõem que se estabelecem luxuosissimas casas de tavolagem, que as frequentam as pessoas mais conspicuas da capital, as mais espantosas *cocottes*, custando tudo isto rios de dinheiro, para que os donos da casa tenham o prazer de proporcionar alegrias ao proximo, com sacrificio da propria bolsa?

A quem se mete na cabeça que na banca franceza, na roleta, no monte, em todas as variedades de batota, enfim, as probabilidades de ganho são iguaes para quem faz banca, isto é, para quem aparentemente põe á disposição dos visitantes centos de contos e para os pontos, que nunca levam na carteira quantia parecida?

Pois que quer dizer *batota*, senão trapaça, intrujice, empalmação, gatunice? Quem se admira de que os banqueiros usem de dados com mercurio, de cartas marcadas, de roletas com os cacifos apertados para que a bola não pare em determinados numeros, é d'uma ingenuidade que toca as raízes da palermice. Pois ha exemplo de uma banca, quando termina a exploração, fechar as contas com *deficit*? Pois não sabem que para um parceiro que, de tempos a tempos, ganha quantia que se veja (ha sempre um maximo, por causa das duvidas) centos de parceiros perdem, dando para aquele e para a banca?

— Mas, ha roletas que não são falsificadas, dir-se-ha, quando não a policia interviria.

Pardão: isso pode acontecer onde o jogo esteja regulamentado; mas aqui, consentindo-se n'uma exploração que a lei proíbe, como podem as autoridades intervir? E o ponto, que sabe muito bem que foi praticar um ato immoral, não permitido, como pode invocar uma intervenção, que só se pode dar em actos licitos?

Dizia o Bocage que:

O premio da virtude é a virtude  
O castigo do vicio o proprio vicio

e dizia muito bem. Logo, o castigo de quem joga é muito bem feito que seja o perder, não só como se lhe afiguraria natural, isto é, tendo a banca mais trunfos do que o ponto, mas pelo roubo descarado, que só se differença do

ganho pseudo — licito da banca... em ser descarado.

Posto isto, senhores e senhoras, vamos lá arriscar uma corôa ao 17, porque bem pode ser que hoje estejamos com sorte. — J. Neutral.

## Atribuições d'um reporter

O mais habil dos nossos *reporters* encarregou-se de dar em primeira mão, para o seu jornal, a noticia da constituição do novo ministerio para o que se serviu d'um estratagemma habilissimo: disfarçar-se em gato, penetrar no palacio de Belem e não desamparar o sr. presidente da Republica enquanto não estivesse devidamente informado.

Assim fez. Logo que o sr. Sá Cardoso pediu a demissão, começou a pôr em execução o seu plano e não lhe foi difficil obter o que queria: poucas horas depois de entrar no palacio, sabia que estava nomeado o gabinete Fernandes Costa, pelo que, abandonando o disfarce, correu ao jornal, com a noticia engatilhada.

la, porém, a meio caminho, quando encontra o proprio sr. Fernandes Costa a quem deu os parabens.

— De quê? perguntou este.

— De estar presidente do ministerio.

— Não estou; estive, durante alguns minutos, mas já não estou.

O nosso *reporter* disfarçou-se rapidamente em papagaio e de novo correu ao palacio de Belem, empoleirando-se no gabinete do sr. presidente da Republica. Não lhe foi necessario demorar-se muito; d'aí a pouco sabia que es-



tava nomeado o sr. Barros Queiroz para formar ministerio.

Largou as penas de papagaio, saiu e dirigiu-se para o jornal. Na rua, quem ha-de encontrar? Precisamente o sr. Barros Queiroz, que lhe declarou não estar disposto a aceitar o encargo, pelo que o referido *reporter* se disfarçou, n'um abrir e fechar d'olhos, em cão de goso e voltou ao palacio, para cocar noticias, que em breve obteve, sabendo que o sr. Domingos Pereira ia formar ministerio.

Mas eis que...

Etc., etc.

A' hora a que escrevemos, o *reporter* tinha recorrido a 122 disfarces e só no ultimo — disfarçado em pulga — conseguiu saber qual era o ministerio real e verdadeiro.

## Trocós

Uma pessoa habitua-se a tudo, até a que não lhe dêem troco do dinheiro que entrega para pagar qualquer coisa. A principio, quando nos ficavam com as sobras, extranhávamos; depois costumámo-nos e agora quem nos dera que os inconvenientes da falta de trocos fossem apenas o ficarmos sem eles! O peor é que os lojistas e outros cavalheiros que nos recebem o dinheiro, aproveitam a ocasião para se verem livres de diversos monos que os incomodam...

N'uma camisaria. A fregueza dá cinco escudos, para pagar lenços: ha uma pequena sobra.

A fregueza:



— O troco?

O lojista, apagando o cigarro, que está fumando:

— Aqui tem v. ex.<sup>a</sup> esta ponta de cigarro; vale o mesmo.

N'uma estação do caminho de ferro. — Faz favor d'um bilhete para Vila Franca?

O bilheteiro dá o bilhete e o passageiro dá-lhe uma nota de vinte escudos.

— Não tenho troco.

— E eu não tenho outra nota.

— Resolva como quizer.

O bilheteiro, entregando pelo *gui-chit* outro bilhete:

— Aqui tem um bilhete para o Porto, que custa, pouco mais ou menos, o que sobra dos vinte escudos. Vá ao Porto e parta de lá para Vila Franca.

Esta conta-se como anedota d'um *maestro* celebre, muito distinto (não nos lembra se o Rossini se o Calderon dos discos) mas acaba de se passar com um conhecido nosso, miope de nascença.

Descia o nosso homem o Chiado, quando foi de encontro a uma *vitrine*, da qual partiu um vidro, felizmente sem se ferir. O dono da casa, indignado:

— Tem de pagar o vidro. São dez mil réis!

O nosso amigo, dando uma nota de vinte:

— Pague-se.

— Não tenho troco.

— E' a mesma coisa. Isso arranja-se.

Deu uma bengalada no ontro vidro e continuou tranquilamente o seu caminho, tal como o celebre *maestro*, acima mencionado.



## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

*Mujer mia de mi grande consideracion:*

Dispensa se te escribo estas mis expresivas expresiones en lengua de Cervantes, el ilustre cojo; es que en San Luis trabaja la companhia de Esperanza Iris y tanto me gusta la simpaticissima muchacha, que estoy mejicano desde los dedos de los piés hasta las puntas de los cabellos. Que mujer, Santo Dios! Que mirada! que plastica! que movimientos! Ya sé yo lo bien que te menéas, esposa de mi corazon, los encantos que tienes, las formas con que la naturaleza te ha regalado, que hasta el señor cura de nuestro pueblo se muere de invidia; pero Esperanzita, no sé lo que tiene que ando chifladoyno me sale de la cabeza tanta graciaosidad, sobretudo las perlas, los diamantes, la riquissima pedraria de sus pendientes y sortijas, los quales pagarian la deuda publica y aun quedarian mas pesetas que las que tiene el bruto de tu abuelo, que és el animal mas rico de Péras Ruivas y cercanias.

Al leer estas palavrillas tendrás celos, naturalmente; pues, hija mia, no los tengas, porque ya sabes que soy de marbol y todo lo que digo se refiere a la artista y no al ser material de carne y hueso, que es Esperanza. Despues, aun que yo quisiera traicionarte, el remordiento me lo impediria y, razon mas fuerte que todas, la bella mejicana vive solamente para su arte y su marido, ó lo que séa, lo que explica el suceso que tiene en todas las partes, mayormente en Rio de Janeiro, adonde es querida de las señoras y de toda la sociedad elegante, és decir, genero Palmira Bastos, la siempre casta.

Adios no quiero molestarte mas. Tu marido Q. B. T. P.

*Jerolmo,*

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.

## Grève telefónica

A' hora a que escrevemos, ainda se encontram silenciosas as meninas dos telefones, facto que tem causado o assombro de Lisboa em peso, mas que, afinal, é de explicação extremamente facil, atendendo a que é pecha das ditas meninas o conversarem pelos cotovelos umas com as outras mas tambem o fazerem ouvidos de mercador quando algum extranho se lhes dirige.

Não é, porém, esse o assunto que nos ocupa n'este momento, mas sim as suas consequencias.

Chamando um moço d'esquina:

—Pst! pst!

—Que é, patrão?

—Vais levar este recado, assim assim, a tal parte.

EM FOCO  
(BARROS QUEIROZ)

*Quando surge uma crise nacional,  
Das que surgem aos centos entre nós,  
Logo de serra em serra corre a voz  
Que é preciso salvarmos Portugal.*

*Um nome, por consenso universal,  
Se aponta: é o do Barros, do Queiroz,  
Que é homem de honradez até feroz  
E d'uma inteligencia excepcional.*

*Pois será, mas estamos n'isso a par  
E para presidir á situação  
Não se lembra ninguem de me apontar.*

*E que lembre! Se acaso um cidadão  
Tivesse essa ousadia singular,  
Matava-o — pum! — como quem mata um  
cão!*

BELMIRO.

— Xim, xenhor.  
— Quanto queres pelo serviço?  
— Xincó mil réis!  
— O' homem! isso é de mais!  
— Entonces mande o patron o recado pelo tilifone.  
— Estão as meninas em grêve.  
— Pois por isto é que yo llevo xincó mil réis. Num puedo hacer de mucha-cha por menos.

O Marques — o nosso engraçadissimo e inteligentissimo Marques — ao telefone.

— Está lá?  
A esposa, avisando-o:  
— Não leste os jornais?  
— Não sabes que os telefones estão em grêve?  
— Não estão tal. Os jornais estão mal informados.  
— Serio?  
— Serio. Quando vim para casa re-



parei nos fios telefonicos. Estão todos no seu logar — logo, não estão em grêve...

O Antunes, que nunca lê jornais, não é d'uma fidelidade conjugal por aí alem. N'uma das noites da semana passada recolheu a casa pelas 3 horas da manhã, por se ter demorado a conversar com uma senhora da sua intimidade, mas não da intimidade da esposa.

A esposa, desconfiada:

— Onde estiveste tu até estas horas?  
— Em casa do Liborio, que está muito adoentado.  
— Ah! Mas ele ainda hontem estava bom...  
— Estava, mas teve um ataque ás 9 horas da noite.  
— Como soubeste?  
— Disse-m'o a mulher d'ele, pelo telefone.  
A esposa, atirando-lhe com uma bota á cabeça:  
— Ah! patife! As telefonistas estão em grêve ha tres dias!

## Charadas

Desde que a falta de papel nos obrigou ao estado de pequenez que se está vendo, tivemos de poupar espaço — reservando-o somente para assuntos serios. Suprimimos, pois a secção charadística. Chega-nos, porém, pelo correio, uma adivinha tão graciosa, que fazemos hoje uma excepção, para gaudio dos amadores.

Ai vai ela:

*Mulher sou e tão pequena  
Que quem quer meu nome faz,  
Pois acabo como a sena.  
E começo como um az.*

Fernando Calado Nunes.

## Correspondencia

S. T. Vieira (Torres Novas). — A seu tempo será satisfeito. Ha muita gente adiante: a bicha dos pretendentes é enorme e o amigo está lá para a cauda.

Tinoco (X). — Versos serios? Sim, por excepção, publicamos d'isso, de vez em quando, mas só á força de empenhos.

SIMBOLOS

No gabinete de escultor. O visitante encarregado de vigiar o adiantamento das estatuas para a sala do Parlamento:

— Então o modelo é uma regateira?

O escultor:

— Como me encomendaram a estatua da Eloquencia...